

CRIOULO

Cândido Adalberto de Bastos Brasil

Nasci crioulo nessa plaga campechana,
que se esparrama pelas várzeas e coxilhas;
Guasca terrunho com a alma aragana,
raça pampeana da estirpe farroupilha.

Cresci solito de a cavalo na cancela
e sobre a cela ajustada no lombilho
sempre vivendo sem luxo e sem floreio,
com meus arreios, esporas e cabrestilhos.

Por andar há tanto tempo enforquilhado
tô meio arqueado e com as pernas cambotas,
marca baguala de quem vê o mundo de cima
e sabe o clima das planuras e das grotas.

Moldei meu corpo no galope e no trotar
pra me ajustar como ginete e homem,
tendo rijeza na cabeça e nos braços
e no espinhaço até donde perde o nome.

Por isso tenho esse jeitão abrutalhado,
abarbarado desde o próprio linguajar;
É o crioulisto que chega mostrando a fuça
e escramuça na forma e no pensar.

Vivo peleando as mazelas desta vida
na dura lida de campeiro e changueador,
me destrinchando entre o campo e a lavoura
estrada afora derramando o meu suor.

O meu suor tem cheiro de terra e macega
e escorrega pelo lançante abaixo,
vai encharcando couro velho com pelama
da cabelama até o fio do barbicacho.

Para matar a sede a água da vertente
que sorvo quente num amargo chimarrão;
Para matar a fome um churrasco gordo
que faço e mordo engraxando tudo a mão.

Para me impor carrego as armas na cintura
porque bravura e atenção nunca é demais;
P'ra respeitarem trato todos com respeito
que sou sujeito de coragem e boa paz.

Para viver protegido a Cruz de Lorena
e a cantilena para o meu Jesus Cristinho,
para guiar meus passos a estrela boeira

que pelas beira ilumina o meu caminho.

Para bem me conduzir o cavalo amigo
que eu bendigo sempre todo santo dia,
de companhia o velho cusco companheiro
o fiel parceiro de rugas e alegrias.

Para seguir um tanto folheiro e disposto
carrego o gosto do beijo de uma china,
é bem assim que passa o tempo o índio puro
e o futuro o patrão velho determina.